



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

DIFERENÇAS OU INDIFERENÇAS: O ENSINO DOS ESPORTES NA ESCOLA

Hans Gert Rottmann, Cleber Gibbon Ratto (orient.)

Universidade La Salle

Resumo: Através do resgate histórico da educação física e a consolidação do esporte como seu principal conteúdo, o artigo reflete sobre a inclusão e a diferença por meio do esporte. Sendo um estudo qualitativo descritivo, apropria-se de abordagens teóricas e práticas docentes como alternativas no combate as exclusões. Questionando o modelo do esporte de rendimento, o autor propõe caminhos para ímpares vivências e aprendizagens, independente das habilidades, diferenças ou necessidades de cada aluno.

Palavras-chave: *Esportes, inclusão, diferenças.*

Área temática: Ciências humanas

1. Introdução

A partir da reflexão sobre questões que envolvem a “inclusão” e “diferença” por meio do esporte, lembro do que Tubino (2010, p. 17) sinaliza, afirmando que *o esporte cada vez mais se torna uma das prioridades das diversas sociedades do mundo atual*. Tal premissa credencia o esporte também como um caminho possível para alinhar novas reflexões e questionamentos dentro do contexto da inclusão e diferença. De acordo com Ribeiro (2003) a inclusão não é um processo que se refere somente aos deficientes, porém todas as pessoas. Ao discutir questões referentes à inclusão, o artigo leva em conta não somente portadores de necessidades especiais, mas uma gama diferente de alunos, abordando dimensões atitudinais e conceituais de professores e ainda procura identificar lacunas que eventualmente possam ocorrer no desenvolvimento das aulas para o processo educativo. Procurando situar como aconteceu o ingresso dos esportes nas aulas de educação física e buscando identificar como este passou a ser desenvolvido desde então, o artigo procurará identificar a influencia do modelo do esporte de rendimento sobre as aulas com esportes no contexto educacional. O autor apresenta o seguinte problema: que aspectos deveriam nortear as práticas docentes ligadas ao esporte na escola que, além de desenvolverem os alunos e socializa-los, possam despertar nestes o gosto pelas práticas esportivas, independente de suas habilidades e diferenças?

2. Marco teórico

Educação física e esporte na escola: notas históricas.

Conforme Korsakas e Rose Junior (2002) é interessante perceber que o esporte já se constituía como um elemento fundamental na educação do homem desde a Idade Antiga, onde os gregos valorizavam tanto o esporte como as atividades físicas para a formação física e também moral das pessoas. Interessante, porém, perceber que os esportes não eram inicialmente um conteúdo da educação física quando esta passou a compor o currículo escolar a partir de 1854 no país. No lugar



www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

dele, reinava a ginástica, fundamentada nos métodos europeus e sob uma perspectiva higienista¹. Comentando sobre as finalidades da educação física naquele período, Lima (2015) comenta

Visando melhorar a condição de vida dos brasileiros, muitos médicos assumiram uma função higienista e buscaram modificar os hábitos de saúde e higiene da população. A Educação Física, então, favorecia a educação do corpo, tendo como meta a constituição de um físico saudável e equilibrado organicamente, menos suscetível às doenças (p. 247).

Somente por volta de 1950, através do Método Desportivo Generalizado², que o esporte começou a ganhar espaço nas aulas de educação física, mas de lá para cá, conquistou importância destacada. Battistuzzi (2005) comenta que a utilização do esporte nas aulas de educação física atingiu seu ponto máximo a partir dos anos 70, lembrando que por meio do Decreto n. 69.450 de 1971 que foi dada atenção maior à aptidão física e a iniciação esportiva na Educação Física, com o propósito de revelar novos talentos e buscar uma preparação maior do país para conquistas esportivas internacionais.

Quando o esporte passou a compor as aulas de educação física, a proposta das aulas era ensinar técnicas esportivas e descobrir ou formar talentos esportivos. Os professores agiam como treinadores e técnicos esportivos. O que realmente valia era o rendimento dos alunos, seus desempenhos e *performance* esportiva. Torna-se fácil entender assim as razões pelas quais a educação física, naquela época, valorizava alunos habilidosos e com boas capacidades físicas, contrastando com a despreocupação com aqueles menos habilidosos ou portadores de alguma necessidade especial.

Depois deste período, principalmente a partir dos anos 80, surgiram novas maneiras de pensar e entender a educação física e o esporte neste contexto. Brasil (1998) lembra que a partir das discussões na área educacional realizadas naquela década e o propósito de terminar com o modelo hegemônico do esporte nas aulas, que surgiram os primeiros pressupostos teóricos em um referencial crítico, fundamentado no materialismo histórico e dialético. Até então, inexistia um olhar preocupado com a participação e envolvimento de alunos portadores de necessidades especiais nas aulas de educação física, por exemplo.

São apresentadas a seguir algumas abordagens mais recentes na área da Educação Física, destacando diferentes perspectivas e possibilidades em tensão com práticas pedagógicas recorrentes. Posteriormente, questões que envolvem a “inclusão” e a “diferença” ganham espaço na discussão.

Esportes e as propostas pedagógicas da educação física a partir dos anos 80

As chamadas propostas “renovadoras” que ocorreram na Educação Física a partir dos anos 80 recomendaram alterações e transformações de cunho didático-pedagógicas, sendo que todas se preocuparam em explicar a importância da educação física na escola. As propostas a partir de então se constituíram em um marco importante nesta área para refletir sobre o formato das aulas, escolha dos conteúdos e ainda definição de abordagens e práticas docentes.

Buscando ser um referência para os professores de educação física, o livro de Go Tani et al. (1988) chamado “Educação Física escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista” repercutiu muito e foi bem aceito. Dirigida as aulas de educação física realizadas para os primeiros anos do Ensino Fundamental, esta abordagem indicava que para as crianças deveria ser oferecidas variadas atividades e formas de movimentos e experiências motoras, desta forma, estas teriam um

¹ A ginástica baseada em uma perspectiva higienista tinha o intuito de transmitir aos alunos valores e costumes que promoviam a saúde e higienização dos corpos.

² O Método Desportivo Generalizado foi criado no Instituto Nacional de Esportes da França pelo professor Auguste Listello. Voltado a educação para jovens e adultos, sua ideia principal era o desenvolvimento de jogos e esportes. Em várias oportunidades Listello esteve no Brasil e assim contribuiu significativamente para a adesão do esporte nas escolas brasileiras.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

desenvolvimento normal. Para Tani (1988) para que a educação física possa atender as expectativas da criança, precisa entender suas características no que diz respeito ao seu crescimento, desenvolvimento e aprendizagem. Conclui ainda que *a não observância destas características conduz frequentemente ao estabelecimento de objetivos, métodos e conteúdo de ensino inapropriados* (TANI, 1988, p. 135). O enfoque desenvolvimentista indica que deve existir sintonia entre as atividades e tarefas ensinadas e o processo de desenvolvimento dos alunos, sendo que a não observância disso pode levar a falta ou excesso de estímulo, podendo ocasionar aspectos prejudiciais ao desenvolvimento normal da criança.

Idealizada por Mauro Betti (1991) e recebendo influências da sociologia, filosofia e da psicologia, a abordagem sociológica ou sistêmica proclama que a educação física tem o papel de valorizar e respeitar todas as culturas, ou seja, não se restringindo somente ao ensino de habilidades motoras. Passa a existir uma preocupação com a diversidade de atividades, bem como ao envolvimento e inclusão de todos os alunos nas atividades.

Não basta aprender as habilidades motoras específicas do basquetebol; é preciso aprender a organizar-se socialmente para jogar, compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível [...] aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo a ser aniquilado. Pois sem ele simplesmente não há jogo (BETTI, 1994, p.186).

A concepção construtivista por sua vez, tem como seu principal nome João Batista Freire, autor do livro "Educação de Corpo inteiro". Segundo Freire (1997), nesta abordagem ganha importância os jogos, a aprendizagem por meio da espontaneidade e das brincadeiras. Os jogos passam a ser considerados conteúdos de aula e através deles que as estratégias de ensino são planejadas e construídas. A infinidade de jogos, suas diferentes possibilidades de adaptação e ainda as possibilidades de invenção de novas brincadeiras, indica que existe um amplo acervo de atividades que podem ser aproveitadas.

Nesta concepção, ocorre uma valorização dos conhecimentos prévios e experiências dos alunos, de modo que é possível existir uma apropriação do repertório de brincadeiras e culturas de diferentes famílias. Esta característica baseada na ludicidade mostra que esta abordagem pode ser bem aproveitada com alunos das séries iniciais. A partir da ideia de que os jogos e as brincadeiras podem estimular a cognição, a afetividade, a socialização e a motricidade, os autores desta corrente pedagógica afirmam que a variedade de materiais utilizados nas aulas pode significar riqueza e estímulos importantes.

Elenor Kunz (1994) foi o responsável por elaborar uma proposta denominada crítico emancipatória. Para este autor o homem ao movimentar-se está se relacionando e comunicando com o mundo. No ensino dos esportes, por exemplo, os alunos deverão adquirir habilidades para entender e participar da vida social, esportiva e cultural.

Mais do que aprender gestos esportivos, a proposta crítico emancipatória busca levar os alunos para uma condição de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados da vida, apropriando-se para isso de uma reflexão crítica (KUNZ, 1994). Para que isso ocorra, é fundamental que exista um processo adequado e também efetivo de comunicação entre professor e alunos, e exista espaço e oportunidades para questionamentos e argumentações em torno das questões que surgirem durante as aulas. Neste formato de aula, ocorre a valorização das situações de ensino e aprendizagem onde os alunos devem buscar soluções para questões ou situações problemas.

Como foi possível identificar, nas últimas décadas, estudiosos concentraram seus esforços em discutir sobre a educação física e o esporte no contexto da formação humana e educação, e a partir disso surgiram diferentes abordagens teóricas. Quase que em consenso, tais estudiosos concordam ao afirmar que se inicialmente o esporte moderno favorecia a ideia de que sua realização com fins educativos e a outra com o objetivo de verificar a melhor *performance* poderiam se equivaler, tanto dentro das escolas ou nas Olimpíadas, ao longo do seu desenvolvimento no século XX passaram a ser identificados diferentes problemas que resultaram em críticas, ocorrendo uma revisão conceitual. A partir disso o esporte passou a ser compreendido de um modo mais amplo, como um fenômeno cultural e social, e passando a ser desligado da perspectiva única do rendimento (Korsakas; Rose Junior, 2002).



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

É possível afirmar que ocorreu a partir de então uma “abertura” na educação física, pois a partir dessas discussões e contribuições teóricas, iniciou um processo contra as exclusões de alunos durante as aulas, passando a ter prioridade, ao menos no campo teórico, os princípios da diversidade e da individualidade. Assim os alunos, independente de suas habilidades e eventuais necessidades, deveriam vivenciar mais do que atividades práticas nas aulas, mas construir valores sociais fundamentais para a cidadania, como o respeito às diferenças, o comprometimento e a solidariedade. Sem sombra de dúvidas este processo reivindica mais do que a reprodução mecânica de ações motores ou a realização de fundamentos esportivos, assim como devem passar a ser incorporados aspectos importantes ligados a atitudes, condutas e comportamentos.

A diversidade e a inclusão no âmbito da educação física

Brandão (1986) apud Gusmão (2000) fornece um claro conceito sobre o que pode ser entendido por “diferente” ou “diferenças”. De acordo com este autor, o entendimento sobre “o diferente” e “a diferença” passa pela descoberta de um sentimento que nos transmite que nem tudo é o que eu sou, e ainda que nem todos são como eu sou.

Diversidade, por sua vez, significa a pluralidade, a variedade e também a diferença. É importante que se entenda tais sentidos a partir do momento em que se propõe falar das aulas de educação física, principalmente daquelas onde o esporte ganha maior espaço, procurando entender como se dá a participação e envolvimento de todos os alunos nas atividades e os cuidados, propostas e tipo de aulas adotadas pelos professores.

Souza, Freitag & Fassheber (2009) ao falarem de histórias de exclusão nas aulas de educação física destacam alguns exemplos:

o aluno obeso ridicularizado ao jogar somente no gol durante uma partida de futebol; a menina que gostaria de jogar futebol com os meninos, mas não o faz porque não há receptividade por parte dos colegas; o/a menos habilidoso/a tocando poucas vezes na bola quando senão isolado do time; os/as alunos/as que são impossibilitados de participarem do JESP³, devido o molde competitivo do evento e a cultura tecnicista predominante; sem falar das histórias do/a negro/a, do/a homossexual, do/a feio/a, do/a deficiente (p.1)

Tais exemplos nos levam a uma realidade que perturba e que necessariamente deveria provocar diferentes reflexões. As aulas de educação física não deveriam trazer benefícios para todos os alunos, favorecendo o desenvolvimento pleno, autonomia e cidadania destes, independentes de suas particularidades?

Gomes (2013) destaca que a inclusão de alunos com necessidades especiais ou não ocorre, ou não acontece de modo satisfatório nas aulas de Educação Física. Segundo esta autora (ibid.), isso sucede em razão do preconceito ou formação inadequada dos professores, que justificando uma dita “preservação” dos alunos, acabam não os inserindo nas aulas, deixando de desenvolver suas potencialidades. Chicon (2008), estudioso das práticas esportivas e educação física para portadores de necessidades especiais, também acredita que estas precisam melhorar significativamente para ocorrer no mínimo de forma satisfatória.

É preciso que todos os alunos que eventualmente tenham algum tipo de característica ou necessidade que os diferenciem dos demais, portadores ou não de necessidades especiais, possam ser respeitados em suas diferenças e ao invés de afastados das práticas esportivas, possam ter oportunidades para mostrar suas potencialidades e desenvolver suas habilidades.

Cruz, Razente e Mangabeira (2003) comentam que em razão das peculiaridades do processo de desenvolvimento de pessoas que apresentam deficiência, estas precisam receber um número

³ Jogos Estudantis da Semana da Pátria



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

maior de oportunidades, bem como de estímulos, necessitando uma atenção especial à adequação didático-pedagógica do professor.

O exemplo dos alunos com alguma deficiência pode ser estendido a todos que por vezes são esquecidos pelos colegas ou até deixados de lado pelos professores algumas vezes, seja simplesmente por serem de algum modo “diferentes”.

Então é preciso refletir sobre o perfil das aulas de educação física, verificando também quais ações e métodos vem sendo utilizados por professores. Mais importante ainda, identificar o modo com que as novas propostas de ensino da educação física poderiam alavancar iniciativas e reformulações metodológicas, revisando conteúdos e a maneira pelas quais estes são abordados nas aulas. Estariam tais propostas da educação física restritas somente a discussões teóricas, ou seja, presas a documentos e papéis, ou quem sabe teriam conquistado espaços e motivado novas práticas docentes nas escolas?

Certamente, um olhar crítico sobre as práticas recorrentes nas aulas de Educação Física tem maior validade se provocar reformulações que possam estar embasadas em referenciais, e que ganhem o campo prático. Nesse sentido, se questiona se os professores de educação física apropriam-se de propostas pedagógicas mais recentes, contrárias aos modelos tradicionais de ensino, em suas aulas. Greco (2012) chega a falar que até hoje ainda não existe um aporte metodológico para o ensino dos esportes nas escolas.

Resende (1995) apresenta uma informação importante ao destacar que mesmo que pesquisadores e autores tenham contribuído com inovadoras propostas e intenções no campo teórico da educação física, o que vem acontecendo nas aulas ainda caminha de modo bem diferente. Ainda hoje, as aulas são baseadas fundamentalmente na aptidão física e no desporto de alto rendimento.

Silva (2015) por sua vez, alerta para outro aspecto importante, lembrando que o planejamento dos professores de educação física precisa se basear em projetos pedagógicos das escolas, que por sua vez, são sustentados pelas diretrizes do estado e nação. Ao lembrar isso, o autor salienta que essas diretrizes muitas vezes não favorecem uma proximidade entre as diversas tendências da Educação Física, e como consequência acontece um tipo de intervenção precária.

Isso mostra o que já se suspeitava, ou seja, apesar de existirem uma variedade de propostas pedagógicas na área que se baseiam em referenciais e propostas diferenciadas, professores ainda desenvolvem suas aulas norteados pelo modelo da aptidão física e boa *performance*. Este caminho não leva para onde Ribeiro (2003) mostra ser uma boa direção para a educação inclusiva. De acordo com este autor (ibid.) é necessário desconstruir os valores baseados na tradicional homogeneidade do ensino do movimento para reconstruir uma educação física voltada à diversidade, realizada em um ambiente de cooperação e com aulas desenvolvidas com atividades e jogos com poucas restrições.

Pereira (2007, p.8) acompanhou o desenvolvimento das aulas de educação física de uma turma da sétima série de uma escola pública de São Paulo. O pesquisador realizou análises sobre a prática pedagógica do professor daquela turma. A fim de discutir a aplicação dos esportes na educação física, bem como o meio de desenvolvimento deste e o envolvimento dos alunos, por meio de questionários e análises o pesquisador concluiu:

Foi possível constatar, mediante em especial a análise das respostas obtidas que as aulas são totalmente dedicadas às práticas esportivas, no caso o futebol e voleibol, sendo excluídos da participação das mesmas, os alunos que não gostam ou que não apresentam as condições necessárias para prática dessas modalidades esportivas. Nesse sentido, não há por parte da professora, nenhum tipo de adaptação ou estratégia que vise integrar esses alunos as atividades da aula.

Com as conclusões citadas na pesquisa não se pretende criticar a apropriação do esporte enquanto conteúdo, porém destacar algumas questões:

- 1) Foram negadas manifestações da cultura corporal importantes, como jogos recreativos, jogos pré-desportivos, ginástica e atividades rítmicas e expressivas quando somente o esporte em formato tradicional foi desenvolvido. Isso permite afirmar que a falta de diversidade encontrada nas aulas, além de correr o risco de não

UNIVERSIDADE
LaSalle

www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

estimular alguns alunos, mostra uma pobreza de oportunidades de desenvolvimento, principalmente deixando de se promoverem reflexões individuais e construções coletivas que possam levar a aprendizagens diversas.

- 2) Somente foram contemplados dois esportes. É reconhecido que por vezes inexistem materiais esportivos ou infraestrutura adequada para a prática de alguns esportes, mas os professores podem adaptar várias atividades e jogos por meio de alternativas criativas para as aulas. Jogos pré-desportivos podem ser adaptados até mesmo com o uso de materiais alternativos.

Além das questões apontadas, outro aspecto, talvez o que desperte maior preocupação evidencia-se. A pesquisa publicada por Pereira (2007) mostrou a exclusão e falta de preocupação com aqueles alunos que não possuíam interesse pelo voleibol e futebol, bem como com aqueles que eventualmente não apresentam as condições necessárias para prática dessas modalidades esportivas. Fica evidenciado o descaso do professor com os alunos que não se identificavam com aqueles esportes e com aqueles que possuíam alguma dificuldade.

Em pesquisa recente, Martinez (2014) apresenta características sobre aulas de educação física desenvolvidas no Ensino Médio em três escolas públicas. Por meio de entrevistas realizadas com os alunos, algumas conclusões do autor merecem destaque:

- a) Os alunos gostam das aulas de educação física porque não fazem nada;
- b) Os alunos gostam das aulas de educação física porque fazem o que querem;
- c) Os alunos gostam das aulas porque saem da sala de aula.

Evidentemente que não é possível acreditar que os exemplos apresentados por Pereira (2007) e Martinez (2014) sejam uma “regra geral”, mas há indícios que de jeito nenhum sejam exceções.

Souza e Martins (2013), ao falarem de alunos que possam apresentar algum tipo de necessidade diferente nas aulas, afirmam que deve existir sempre respeito às individualidades. É preciso que haja uma relação de conteúdos e atividades com diferentes abordagens, e ainda com uma aproximação e envolvimento do professor com todos alunos, independente de suas limitações ou habilidades. O voleibol, o futsal, o basquete ou qualquer esporte pode estar presente na aula, mas as atividades desenvolvidas com estas modalidades esportivas não precisam necessariamente seguir uma padronização, ou seguir sempre o modelo institucionalizado do esporte, que por vezes apresenta inúmeras dificuldades para alguns alunos. As aulas precisam ter sentido e trazer benefícios para todos os alunos, favorecendo a inclusão. Concluem os autores (ibid.) que a aula de educação física deve estar

intrinsecamente ligada á vários pressupostos que instigam a busca pela mudança e a aceitação do novo como algo possível e delineado por meio da busca pelas potencialidades individuais do alunado. Nesse sentido, o professor inclusivo terá que estar atento com práticas que estimulem vivências inclusivas e, portanto, não exaltando os valores do alto rendimento que enaltecem a exclusão na qual apenas os mais hábeis são vangloriados (SOUZA & MARTINS, 2013, p. 289).

Aulas de educação física que são voltadas exclusivamente para a *performance* motora e combinadas com motivações competitivas podem formar talentos esportivos, mas certamente restringem a participação de alguns alunos. O ensino e prática do esporte neste formato acaba ignorando diferentes possibilidades de aprendizagens e promove inúmeros fracassos. Seria este o ensino do esporte que se deseja na educação física? As consequências deste formato de aula quase sempre são as mesmas e são fáceis de identificar: Alunos habilidosos e com boa condição física agregam cada vez mais qualidades e benefícios nestes requisitos. Por outro lado, alunos com pouca coordenação motora ou algum comprometimento físico, cognitivo ou social normalmente são esquecidos e ignorados e, ao invés de agregarem benefícios, perdem

UNIVERSIDADE
LaSalle

www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

possibilidades de desenvolvimento e por vezes regridem em aspectos relacionados à inatividade física e menor convívio social. Em outras palavras, talvez os alunos que mais necessitariam participar das aulas de educação física são exatamente aqueles que ficam de fora. É sabido que a prática regular das atividades físicas e dos esportes proporciona vários benefícios, sejam físicos, psicológicos ou sociais, contribuindo significativamente na qualidade de vida das pessoas que os praticam.

Identificar práticas pedagógicas deficientes parece ser mais simples do que construir mudanças efetivas nestas. As práticas docentes devem partir de fundamentação teórica rica e atual, partindo de um planejamento que identifique mais do que atividades, mas sentidos para as práticas físicas e esportivas, destacando metodologias, objetivos e aprendizagens que agreguem experiências, vivências e conhecimentos importantes para a pluralidade de alunos. Exatamente nas diferenças e diversidade das pessoas que acontece a compreensão de seus limites e possibilidades (Costa & Souza, 2004).

Talvez o primeiro passo para que isso aconteça, parta do reconhecimento de que o esporte nas aulas de educação física não precisa ficar restrito ao modelo de rendimento. Diferentemente disso, pode estar ligado a práticas e vivências diferenciadas que privilegiem a cooperação (Bracht, 2001), oferecendo possibilidades de intervenção do professor, considerando as facilidades ou limitações dos participantes e reconhecendo a multiplicidade de perfis que podem compor o alunado. Para Tubino (2001) o esporte é uma ferramenta que pode contribuir para a humanização, por isso deve estar integrado no sistema educacional e colocado à disposição da sociedade. Greco (2012) destaca que o desenvolvimento dos esportes pode ser iniciado com aprendizagens táticas, ou seja, a partir da prática de jogos, na condição que os participantes aprendam a pensar o jogo, aprendendo a ser, fazer, conhecendo e convivendo com os outros.

As aulas de educação física, ao contrário de quase todas as outras disciplinas que compõe o currículo, permitem certa flexibilidade e adequação de conteúdos e atividades. Diferentes esportes, práticas corporais, atividades esportivas adaptadas e até recriadas podem fazer parte da proposta dos professores, despertando o interesse, entusiasmo e envolvimento de todos alunos. Tais possibilidades mostram-se como alternativas para o desenvolvimento de aulas a partir das características e necessidades dos alunos e turma, buscando trazer ao encontro destes, temas, abordagens, dinâmicas e atividades que possam realmente educar, socializar e desenvolver suas potencialidades, incorporando as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais.

Alguns professores de Educação Física têm sistematizado, aprofundado e diversificado os conteúdos conforme suas próprias experiências, erros, acertos, etc., pois grande parte da produção teórica da Educação Física ainda não possibilitou a construção de princípios que pudessem nortear tal prática (ROSÁRIO & DARIDO, 2005, p. 168).

O estabelecimento e cumprimento de uma sequência de conteúdos e atividades durante o ano, não elegendo somente uma ou outra modalidade esportiva, promove o princípio da diversidade, oportunizando ganhos de conhecimentos na área da cultura corporal de movimento. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a abordagem em diferentes conteúdos e objetivos diversos busca o que se considera um dos aspectos mais importantes da aula, a inclusão de todos os alunos, onde é valorizada a participação destes e suas diferentes aprendizagens, bem diferente do reconhecimento somente àqueles que apresentam maior desempenho (Brasil, 1997). Naturalmente para que isso ocorra é necessária ainda outra condição, a formação adequada, preparo e empenho dos professores.

A criação de um ambiente favorável para vivências e aprendizagens múltiplas, onde variadas modalidades esportivas possam ser desenvolvidas, sendo permitidas, quando necessário, alterações e adaptações nas atividades e o acompanhamento próximo dos professores, poderá permitir que o esporte seja tratado pedagogicamente (Bracht, 2000).

Metodologia



www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

O presente estudo foi desenvolvido na forma de ensaio teórico a partir de uma abordagem qualitativa descritiva, pautando-se em referenciais sobre a história dos esportes na educação física e abordagens teóricas mais recentes nesta área, tendo como mote questões em torno da inclusão e diferença. De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa se desenvolve com o universo de significados, motivos, valores, crenças e atitudes, o que significa dizer que ela se situa em um lugar mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem reduzir-se à operacionalização de variáveis.

Considerações finais

A partir do que foi exposto é possível perceber que existe um longo percurso pela frente, mas reflexões e estudos a partir das diferentes abordagens da educação física, somados a iniciativas e empenho de profissionais envolvidos com a educação, pode ser um bom caminho. O esporte apresenta-se como um dos fenômenos mais marcantes do nosso tempo, e esse também é um dos motivos pelos quais deve receber espaço dentro das aulas. Sua prática e desenvolvimento, no entanto, precisa ser diferenciada dos moldes do esporte de rendimento. De modo diferente, por meio do esporte devem acontecer ações colaborativas, participação efetiva de todos e inclusão. Isso somente será possível se os professores forem conhecedores de diferentes práticas de ensino, ímpares formatos de atividades e metodologias que permitam o desenvolvimento de aulas que façam mais além do que reproduzir movimentos e classificar níveis de habilidades. É preciso um olhar aguçado que vise os princípios da educação inclusiva, onde atividades, ações e projetos componham um ensino de qualidade, garantindo diferentes vivências e aprendizagens aos alunos.

Mais do que uma maneira de praticar atividades físicas, seja de modo organizado ou ocasional, o esporte bem orientado e desenvolvido nas aulas de educação física pode, além de contribuir para a saúde corporal e mental, socializar crianças e jovens que serão o futuro da sociedade. O esporte pode ajudar a produzir transformações nos modos de ser e respeitar os outros, trazendo ensinamentos que ultrapassam os muros da escola. Para que isso aconteça, devem ser favorecidas experiências significativas para indivíduos e coletividade, desenvolvidas metodologias e ações permeadas por objetivos que favoreçam mais do que habilidades físicas, mas a socialização, o respeito às diferenças e a cooperação. Esse acaba sendo o ambiente mais propício para o exercício das boas atitudes e da cidadania. O desafio pode soar complexo, mas em tempos em que tanto se discutiu a real serventia da educação física no ambiente escolar, nada parece ser mais prudente do que mostrar que por meio dela, crianças e jovens podem encontrar espaço para seu desenvolvimento pleno, sendo respeitadas suas individualidades e diferenças.

Referências

ARAÚJO, Paulo F. de. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. Campinas: Unicamp, 1997. 152 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Ed. Física da Univ. Estadual de Campinas/Unicamp, Campinas, 1997. Disponível em: <<http://www.bi.biotecadigital.unicamp.br/document/?view=vtls000114477>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes**, Campinas, ano XIX, nº 48, p. 69-89, agosto 1999.

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 14-24, 2001. Temas polêmicos.

BETTI, Mauro. Educação Física e Sociedade. São Paulo: **Movimento**, 1991.

BETTI, Mauro. Valores e finalidades na Educação Física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 16, nº. 1, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares**



www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

nacionais: Educação Física/Sec. de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. 114 p. Disponível em: <<http://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-08-educacao-fisica.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

CAMARGO, Siglia P. H; BOSA, Cleonice A. Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, 21 (1) p. 65-74, 2009.

CARDOSO, Vinícius Denardin. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Rev. Bras. de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, nº 2, p. 529-539, abr./jun. 2011.

CHICON, Jose Francisco. Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 13-38, jan/abr. 2008.

CHICON, Jose F.; CRUZ, Gilmar de C.. Formação continuada, Educação Física e inclusão. **Rev. Bras. de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, nº 2, p. S815-S829, abr./jun. 2014.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia B. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, mai. 2004.

CRUZ, Gilmar de C; RAZENTE, Dilza M. R; MANGABEIRA, Eleni M C. Considerações de professores de Ed. Física sobre o atendimento de alunos de classes especiais inseridos em Ambientes educacionais sob a perspectiva da inclusão. **Rev. Bras. Educação Especial. Marília**, jul./dez. v.9, n.2, p.211-226. 2003.

DARIDO, S. C. Apresentação e análise das principais abordagens da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, nº 1, vol. 20, set. 1998.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo, SP: Scipione, 1997.

GADIA, Carlos A. TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal da Pediatria**, Porto Alegre, vol. 80, nº 2 (supl), 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56225/000508666.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

GOMES, Thamyres de S. **Educação Física como forma de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais**. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – Curso de Licenciatura em Educação Física. Brasília/DF. Jun. 2013. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/3923/1/THAMYRES%20DE%20SOUSA%20GOMES.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

GRECO, P. J. Metodologia do ensino dos Esportes Coletivos: Iniciação Esportiva Universal, aprendizado Incidental-Ensino Intencional. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 20, p. 145-174, 2012.

GUSMÃO, Neusa M. M. Desafios da diversidade na escola. **Revista Mediações**, Londrina, v.5, nº 2, p. 9-28, jul. / dez, 2000.

KORSAKAS, Paula; ROSE JUNIOR, Dante de. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo: Ed. Mackenzie, ano I, nº 1, p. 83–93, 2002.



www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LIMA, Rubens Rodrigues. Para compreender a história da Educação Física. Educação e Fronteiras Online. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Dourados/MS, v. 2, nº 5, p. 149-159, mai/ago. 2012.

_____. História da Educação Física: Algumas pontuações. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**. Santos, v. 7, nº 13, p. 246–257, jan/jun. 2015.

MARTINEZ, Rafael V. **O desinteresse dos alunos do Ensino Médio nas aulas de Educação Física**. 2014. 60 f. Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Corumbá/MS. 2014.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, Fabio Alves dos Santos. **Educação Física Escolar: Um estudo crítico sobre o esporte**. São Paulo: 2007. 61 p. Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância, 2007.

RESENDE, Helder Guerra. **Necessidades da Educação Motora na escola**. DE MARCO, A (org). Pensando a Educação Motora. Campinas, SP: 1995. – (Coleção Corpo & Motricidade).

RIBEIRO, Maria Tereza de A. As Crianças e o Ser Diferente: Atitudes Face aos Pares com Trissomia 21 no 1º ciclo do Ensino Básico. **Revista de Educação Física, Desporto e Saúde**. Lisboa, Gymnasium, nº 3, p. 57-64, nov. 2003.

ROSÁRIO, Luís F. R.; DARIDO, Suraya C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v.11 n.3 p.167-178, set./dez. 2005.

SILVA, S. A. Ensino dos jogos esportivos na Educação Física escolar: o desenvolvimento da capacidade de jogo. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. Taguatinga DF, p. 95-102, 2015.

SOUZA, Calixto J; MARTINS, Morgana de Fátima A. Amálgama entre o professor inclusivo e o universo da educação física. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, nº 46, p. 277-292, mai./ago. 2013.

SOUZA, Juliano de; FREITAG, Liliane da C.; FASSHEBER, José R. M. Histórias de exclusão nas aulas de Educação Física e Jogos Estudantis da Semana da Pátria: considerações acerca do processo de construção de um objeto de pesquisa. **Revista EFDeportes**. Buenos Aires. Ano 14, nº 138, nov. 2009..

TANI, G. [et al.]. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

TUBINO, Manoel J. Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

_____. **Dimensões sociais do esporte**. 2ª edição revisada. São Paulo: Cortez 2001.